

MOTO

1<sup>a</sup>  
Marias são descaradas  
Engenas são prosonosas?  
Henregueitas são engraçadas  
Rosarias Openiosas?

2<sup>a</sup>  
Catarinas são mal disentes  
Telvitas são lambareiras  
Patrocínias Costureiras  
Conceções são patessentes?  
Irias são diligentes  
Izabéis são desconseladas  
Justinas demarzeladas  
As Anas são muito brutas  
As Chicás todas são putas  
Marias são descaradas?

3<sup>a</sup>  
Auroras são muito espertas  
Emílicias são Paradoxonas  
Beneditas PríncaIhonas  
Fleixas muneira baten sertas?  
Lúcias Pra tudo estão desertas  
Suzetinas são premeirosas  
Purpurinas são Graçecosas  
Lúcinhas dão-se ao respeito  
Lúrias não tem feito  
Lúrias são prosonosas?

Kasarés são barrigudas  
 As Amélias são fêmeidas  
 Caralotas são compridas  
 Biztrises são becúidas?  
 Joanas são cabelúidas  
 As Eulíás são zangadas  
 As constancías mal criadas  
 E as Hermínas só palhem  
 As Aldas essas até batem  
 Henregueitas são engracadas?  
 4<sup>a</sup>

Antónias são esguesitas  
 Josefás tem máus zeões  
 Delfinas são lus cocorões  
 E as feías são as ritas?  
 Joaguínas são bonitas  
 Margaridas são progoyosas  
 As Calóvas são teimosas  
 Zalmíras são Asedúmbas  
 E as tresas de...  
 Rosárias...?

Aprendi a Namorar  
 Mesmo há noite ao serão?  
 Pe dia tinha que estar  
 As ordens do mee patrão?  
 1<sup>a</sup>

No monte, alen da Serra  
 Foi criado dum lavradôr  
 Óuvia falar en mamôr  
 Não sabia o que era?  
 Foi um dia há minha terra  
 Mesmo há noite ao luar  
 E lá-me pus a brincar  
 Com uma certa menina  
 Como ela era feia  
 Aprendi a Namorar?  
 2<sup>a</sup>

Disse ela amôssamente  
 Ereslada há janela  
 Pra eu ir falar com ela  
 Todos os dias un momento  
 Mas eu trabalhava sempre  
 Minha tenha eguacião  
 Há despedida então  
 Foi para min disia  
 Se não poderes vir de dia  
 Mesmo há noite ao serão?  
 3<sup>a</sup>

Nisto abalei fei-me embora  
 No outro dia as gargalhadas  
 A contar aos camaradas  
 Já sei como-se namora  
 Era sempre aquela hora  
 Não podia lá faltar  
 Há muito depois de sear  
 Era uma coisa sem custo  
 Mas como eu andava farto  
 De dia tinha que estar

15

Apenas vinha a moitinha  
 Meu andar era feijó  
 Desertinho pra ouvir  
 Aquela vós fagueirinha  
 Ainda era moitinha  
 Essa rosa em botão  
 E como eu era ganhão  
 Só deus sabe e eu vi passei  
 E é que nunca fui  
 Às ordens de meu patrão

Eu passei a um jardim  
 Pedi a rosa mais brilhante  
 Desia a rosa para mim  
 Ser tu és o meu incantô

10

Achando as minhas valesas  
 Era ó marer do sol?  
 Quando ouvi um Rouxiol  
 Cantar ali minhas baleas  
 Vestido nas minhas calças  
 Minhas paxotas seguem  
 Co' que lindas flores vêm  
 Ao longe da rua Ribeira  
 Passei pela jardineira  
 Eu passei a um jardim

20

Além-me pas a reparar  
 Para as flores que ali avia  
 A mais bela-me fugia  
 Sóis pra eu namorar  
 E há muito ao luar  
 E he tinha amor bastante  
 Eu-me pedira tanto  
 Pra eu ir falar com ela  
 Emestada há janela  
 Pedi a rosa mais brilhante

Eran quatro raparigas  
 Filhas duma jardineira  
 E eu pedi a tresseira  
 Eran todas tuas amigas?  
 Cantavam lindas canções  
 Perregidas para mim  
 E uma desca assim  
 Toma lá meu coração  
 Há sete horas da manhã  
 Pisia a rosa para mim?  
 4<sup>as</sup>

Era meu jardim de flores  
 Numa manhã amorosa  
 Onde avia tanta rosa  
 Todas diversas nas cores?  
 Ela falava em amores  
 E desca num instante  
 Sou teu amor puro e santo  
 Sou teu amor verdadeiro  
 Men que esterra o mundo inteiro  
 Sou tu és o meu queante?

O primo José da Graça  
 O primo José da Graça?  
 O primo José da Graça  
 O primo José da Graça?  
 1<sup>as</sup>

Andas aqui e alem  
 Tratando da tua vida  
 En busca de Rapariga  
 Que tu assim não estás bem?  
 Foi isso fasso tambem  
 Mas não eximos em graça  
 Que queres tu que eu-té faça  
 E assim a nossa sorte  
 Solteiros até há morte  
 O primo José da Graça?  
 2<sup>as</sup>

Éber de Lambessén

A edeição que tu toms

Quantas vezes aqui vems

Sem cá teres que fazer?

Não vems cá só pra-me ver

Vems mas é por cá há caça

De certa menina que por cá pra

que são lá do teu agrado

Abre lá se é verdade

O primo José da Graça?

3<sup>as</sup>  
 Elas não querem a gente  
 O primo porque será  
 Pois entam não averá  
 Uma mossa competente?  
 Que nos queira amar sempre  
 Que tenha dó da desgraça  
 Pois é isto que se praça  
 Na vida dos companheiros  
 Jeremas que ficar solteiros  
 O primo José da Graça?

2<sup>as</sup>  
 Vás un día a un salão  
 A onde dança a dançarina  
 E encontra uma menina  
 Que encanta teu coração?  
 Falas con ela entam  
 Ela se fór de má raça  
 Dá-te logo uma cabraça  
 Corta-te a tua carreira  
 Eu sou da mesma maneira  
 O primo José da Graça?

MOTO

Venha mais meia latinha  
 Cá pra nossa Sociedade?  
 Em bebendo uma pinguinha  
 Todos cantamos o fado?

1<sup>a</sup>  
 Eu gosto de açoçar  
 E com os meus amiguinhos  
 Vou bebendo os meus copinhos  
 Não gosto de-me embobedar?  
 Gosto de alegre andar  
 Cantando uma Cantiguinha  
 Cá a minha Carreirinha  
 Sempre-me está a calhar  
 Mas pra melhor me ficar  
 Venha mais meia latinha?

Quantas véses estou bebendo  
 Cores de venho e licor  
 Aquarente Superior  
 Da melhor que vai avende?  
 Muito Jente está disendi  
 Já andas embriagade  
 Já é do que tens pagade  
 Muitas vese beber de meu  
 Venha lá que pago que  
 Pra nossa Sociedade?

Quando eu vou a qualquer festa  
 Com os meus camaradinhos  
 Dame logo as garrapinhas  
 É que bela vida esta?  
 Reparaí agora Nesta  
 Que é a mais engraxadinha  
 Pagaí alguma Cousinha  
 Para a gente melhor ficar  
 Comessa tude a cantar  
 En bebende uma Pinguinha?

4<sup>a</sup>  
 Rapases eu morre un dia  
 Mas de min não tenha pena  
 Eu fasso uma linda sena  
 A todos dou Alegria?  
 Quando chegar esse dia  
 Quer ser bem acompanhado  
 De Garrapas rodado  
 Cheias, Aguardente e Vinho  
 E depois pelo Cawinho  
 Todos Cantemos o fado?

Só o Faustino é que não  
 Só o Faustino é que não?  
 Só o Faustino é que não  
 Só o Faustino é que não?  
 1<sup>a</sup>

A onde quer que vai o Faustino  
 A pesar de pouca saber  
 Pexan todos a disêr  
 Canta li um boadinho?  
 Cantô entan so un pouquinho  
 Se acase estou de Compreição  
 Seja a minha direção  
 Pra devertir a Soeiedade  
 Todos cantan bem o fado  
 Só o Faustino é que não?  
 2<sup>a</sup>

Ele gesta muito de ouvir  
 Um cantar que cantô bem  
 Gosto de cantar Também  
 Cantigas assim a rir?  
 É só para adevertir  
 Quando exha Agucarian  
 Canta com todos os que estan  
 Mas sempre fica por baixo  
 Todos Cantam com Coraje  
 Só o Faustino é que não?

Todos cantam eon valót  
 Lindas quadras e cantigas  
 E mostram suas Partidas  
 Faustino é mais enfiór?  
 Porque ele não teve professor  
 Qué-lhe ensinasse a instrução  
 Todos saben a líção  
 É só ele é o piór  
 Todos a saben de eór  
 São o Faustino é que não?

Mas pra cantar eá está sempre  
 Con todas os camaradas  
 Gosta de motar estas quadras  
 Para ouvir muita gente?  
 É um línde adevertemente  
 A onde os cantores estan  
 Fazen uma linda se~~sa~~ção  
 A cantar con alegria  
 Todos mostram valentia  
 São o Faustino é que man?

Adeus monte da Velada  
 Adeus monte da Velada?  
 Adeus monte da Velada  
 Adeus monte da Velada?

Lembra-me con saidade

Do tempo que eu lá ~~passi~~ Andei  
 Foi por alé que eu passei

Meus dias da mocidade?

A Cantar o línde qzdo

Fui mais o meu camarada

Com a guitarra afinada

Adevertir toda a gente

Porisso eide diser sempre

Adeus monte da Velada?

2<sup>a</sup>

Fui mais o meu Camaradeiro

Juntos dos baílhinhos

Cantande os mossos fadinhos

E eu sempre era o prímeiro?

E como eu estava solteiro

Namorava na Velada

Tinha lá a minha amada

Nunca-me hade esquecer

Porisso digo até morrer

Adeus monte da Velada?

Améi lá três Kararigas  
 Todas bonitas e belas  
 No fim não casei con elas  
 Eram tan múnhas amigas?  
 Eram novas não antigas  
 Qual delas mais ingrata  
 Eu não quiz saber de nada  
 Deixei-as e vim embora  
 Porisso é que eu digo agora  
 Adeus monte da Velada?  
 Lis

Vin tomar nova carreira  
 Novamente a mandar  
 E entan eu vin casar  
 Ao monte da Falagueira?  
 Acabou esta Segueira  
 Nan voltei mais há Velada  
 Seguin a minha jornada  
 Meu destino a minha sorte  
 Deço sempre até há morte  
 Adeus monte da Velada?

Eu cá sou o mil e move  
 Eu cá sou o mil e move!  
 Eu cá sou o mil e move  
 Eu cá sou o mil e move!

Como está organizada

A casa do povo em Niza

E quando se precisa

Eu tenho a minha entrada?

Isto é, a não pagar nada

Porque sou da classe pobre

Não tenho prata nem cobre

Mas como eu lá lá tanto

Os múnhos são mais de quantos

Eu cá sou o mil e move?

20

Quais são os meus vizinhos

O mil e oite e o deç

São das de três milés

São ricos o pobresinhos?

Pois então meus amiguinhos

Esta carreira se move

Falar contra não se pôde

A orden de fúmeiro

Se o cobrador quer dinheiro

Nové está o mil e Nove?



Prontinho pra liquidar  
 A cota do mês que está  
 E o frimédio que há  
 Não podemos reclamar?  
 Todos temos que pagar  
 O rico e também o pobre  
 E não há ninguém que estrove  
 A ideia a um qualquer  
 Dêza o povo o que quiser  
 Eu cá sou o mil e Nove →

Os ricos dizem porém  
 Que não têm lá entrada  
 Que não têm de lá nada  
 E só o pobre é que tem?  
 O povo acha que está bem  
 Pra acueliar o pobre  
 Não há ninguém que não apreve  
 Isto que está feito assim  
 Quando bradaram por mim  
 Aqui está o mil e Nove?

O Barreiro é Comonista  
 O Barreiro é Comonista?  
 O Barreiro é Comonista  
 O Barreiro é Comonista?  
 1º

Minha terra é Falagueira  
 Residente no Barreiro  
 Digo a qualquer cavabeiro  
 A minha direção inteira?  
 É assim desta maneira  
 Sou do fado sou Fadoista  
 Digo a qualquer fadoista  
 Que estou farto de sofrer  
 Escutam que eu vou dizer  
 O Barreiro é Comonista?  
 2º

Moro no Alto da Paiva  
 Já-se vê que sou paivense  
 Sou do Conselho Nésense  
 Apoio ootel Sarriava?  
 Pois eu não-tenho raiva  
 É do partido trabalhista  
 E eu sou da mesma lista  
 Sou com velho trabalhador  
 Digo com todo o primor  
 O Barreiro é Comonista.

3<sup>o</sup>  
Comunistas há lá tantos  
Que até pegam uns nos outros  
Os socialistas são poucos  
Mas mão-íthes sei disor quantos?  
Metem-se em todos os cantos  
Com o emblema há vista  
Provocan qualquer facista  
Com a bandeira em frente  
Porisso Eide diser sempre  
O Barreiro é Comonista?  
4<sup>o</sup>

Quando eu vou ao jardim  
Nas lindas tardes do verão  
É tudo uma desceção  
Porque não está ben assim?  
Uns que não outros que sim  
Descultindo tudo há vista  
E eu estou alé na pista  
Cooe e vejo que é verdade  
Póe diser há vontade  
O Barreiro é Comonista +

7<sup>o</sup>  
Os meninos de Amanhã  
Vão fazer num mundo novo?  
Nassen com armas na mão  
Para defender o povo?  
2<sup>o</sup>

Estão a crescer no ovo  
Com esta inclinação?  
Vão nasser num mundo novo  
Os meninos de amanhã?  
3<sup>o</sup>

Apenas saiem do ovo  
Já trazen a instrução?  
Para defender o povo  
Nassen com armas na mão?  
4<sup>o</sup>

Um governo já não há  
Em que possa resistir?  
O meu deus o que será  
Dos meninos que aude vir?  
5<sup>o</sup>

Será ben o será mal  
Acen-me dera a mim saber?  
Meninos de Portugal  
Terão muito que sofrer?

A direita quer governar  
 E a esquerda também quer?  
 Quem é aquele ade. muidar  
 No homem e na mulher?  
 7º

Deix o mal para onde der  
 Eu tenho a minha apropria?  
 O Homem e a mulher  
 Querem a demograçia?  
 8º

Querem a demograçia  
 Só o povo que trabalha?  
 Trabalham a noite e dia  
 Para sustentar a família?  
 9º

Para sustentar a família  
 É a grande breguesia?  
 Pois o povo que trabalha  
 Querem a demograçia?  
 10º

O Homem trabalhador  
 É o que tem mais valia?  
 Mas quem-lhe dão valor  
 A maldita Breguesia?

O Homem Trabalhador  
 Que dá tanta produção?  
 E quem-lhe dão valor?  
 A maldita Reação?  
 12

Querem comer e beber  
 E o pobre a trabalhar?  
 Mas isso não pode ser  
 Pois isso tem que acabar?  
 13

O partido Capitalista  
 Não quer em governo o sentre?  
 Do partido Comunista  
 Não querem que nenhum entre?  
 14

O pobre do Reformado  
 Uma vida o Consome?  
 Se não-lhe dão ordenado  
 Tem que morrer de fome?  
 15

Tudo está a aumentar  
 E o que se está a ver?  
 Onde irá isto parar  
 Não-se ganha para comer?

22º Os senhores Governantes  
 Põem aqui um travão?  
 Porque os negociantes  
 Fazem a espiroreta?

17º Os velhos e mais velhinhos  
 Precisam de descansar?  
 Estão todos coitadosinhos  
 Cansados com trabalhar?

18º Trabalhavam noite e dia  
 Para ganharem o Pão?  
 Se não tinham uma regalia  
 Que-lhe não dava o patrão?

19º Trabalhavam de serão  
 Em tempos de salazar?  
 Para contentar o patrão  
 Cansavam-se com trabalhar?

20º Os partidos não-se entendem  
 A reclamação na rua?  
 Eles não-se compreendem  
 E a luta continua?

Querem tirar a terra  
 A quem dá a produção?  
 É o princípio da guerra  
 Dentro da nossa Nação

22º É Portugal pequenino  
 Estás na boca do Leão?  
 Se não há um homem fêmeo  
 Já não és Portugal mão?

23º É Portugal Pequenino  
 Vê lá bem como tu estás?  
 Se não há um homem fêmeo  
 Para onde é que tu irás?

24º O mundo está Preparado  
 Para a guerra Armistial?  
 Se não ouber a cidade  
 Para ser tudo Igual?

25º Pesso disculpa meus senhores  
 Se os verssos estão mal metados  
 Os pobres trabalhadores  
 E que estão sempre lexados.

MOTO

24

O tempo quente deste tempo  
 O tempo se voltarás?  
 Quem podera poder tempo  
 Fazer-te voltar a a tráz?

Quando eu tinha quinze anos  
 Na flor da minha idade  
 Era o brío da mocidade  
 Neste mundo de enganos.  
 Corria pelos muros puros  
~~Eu era tão trébitante~~  
 Andava sempre contente  
 Pulava alegremente  
 Cantava e batia o pé  
 E hoje já assim não é  
 O tempo que-te deste tempo.

Quando eu para fora abalava  
 Sempre pedia aos meus pais  
 Alguem dia ó dois de mais  
 Que no mesmo não voltava.  
 A onde quer que eu chegava  
 Tudo-se ria e em paz  
 E hoje já não sou espáz  
 De fazer essa alegria  
 Já não fasso o que eu fasia  
 O tempo se voltarás?

Já a qualquer Romaria  
 Nunca-me sentia mar  
 Cantava no Arraial  
 Com a maior valentia.  
 Para onde quer que eu ia  
 Adevertia toda a gente  
 E hoje sou um padessente  
 Que vivo no mundo só a sofrer  
 Perisso digo até morrer  
 Quem podera poder tempo.

Gostava tanto de ver  
 Cantores e Cantadeiras  
 A cantar moites enteiras  
 Até a manhã romper.  
 Nunca-me cide esquecer  
 De quando eu era rapáz  
 O tempo que já não váz  
 A ponto que não esqueesse  
 A meu bon tempo quem podesse  
 Fazer-te voltar a tráz.

25

Se ouviran dizer um dia  
 Que o bon fadista morreu.  
 Resai sempre en cada dia  
 Que o bon fadista sou eu.

Se eu morrer en Portugal  
 Duma morte de repente  
 Pessoa que venha toda a gente  
 Ao meu lindo funeral.  
 Venham todos en geral  
 Mesmo com pouca alegria  
 Venha toda Freguesia  
 Quando ouçam o vimo tocar  
 Não-se ponham a chorar  
 Se ouviran dizer um dia.

Venham todos lamentar  
 Pessoa a todos os Amiguinhos  
 Lembrai-vos dos meus fadinhos  
 Lembrai-vos do meu cantar.  
 Quando eu estiver a acabar  
 Se mãe poder falar ecc  
 Ade estar o filho meu  
 Que manda a triste novidade  
 Dizende que é verdade  
 Que o bon fadista morreu.

Quen vier há Falagueira  
 Se eu cá estiver doente  
 Perguntan a toda a gente  
 E há minha Companhia.  
 Van há minha Cabesseira  
 Que passa a minha agonía  
 A minha dor alevia  
 E já não será tan forte  
 Apenas que venha a morte  
 Resai sempre en cada dia.

Penham-me ali ben há vista  
 Na urna ó mo caixão  
 E podeis dizer então  
 Já morreu o bon fadista.  
 Que era tumber artista  
 Muita gente o conheceu  
 Coitado que já morreu  
 Já a gente não faz rir  
 Venham todos a fugir  
 Que o bon fadista sou eu.

Rapazes quando eu morrer  
 Levai-me de garrafinho.  
 Uma guitarra a tocar  
 Lindos versos do fadinho.<sup>10</sup>

Se morrer a cantar o fado  
 Duma morte de repente  
 Digo para toda a gente  
 Quer ser bem acompanhado.  
 De garrafas Rodendo

~~Checas de Aquilardente e Vinho~~  
 Checas de vinho pra beber  
 Eu pra vós eide desfer  
 Temham todos alegria  
 Cantai a noite e o dia  
 Rapazes quando eu morrer.<sup>2</sup>

Cantai amigos cantai  
 Cantai) ~~cantai~~ (a noite e o dia  
 A vossa dor alevia  
 E a vossa paixão destrói.  
 Nunca deixam men-un cê  
 Por este vosso amiguinho  
 Quando formos no caminho  
 Eide cantar das que eu sei  
 Ainda assim não para eze  
 Levai-me de garrafinho.

Fui já fui um guitarrista  
 Quando leia a qualquer lado  
 Andava cantando o fado  
 Com a guitarra há vista.  
 Naveia para ser fadista  
 Eu não me posso apartar  
 E deste fadinho antigo  
 E por isso que vai comigo  
 Uma guitarra a tocar.<sup>4</sup>

Eu sempre eide cantar o fado  
 Mesmo lá debaixo da terra  
 Sem ver a Atmosfêra  
 Nem o que por eu é praedo.  
 Depois de-me terdes sepultado  
 Lá leia e vosso amiguinho  
 E voltando pelo caminho  
 Na minha morte falando  
 E eu eide lá cantando  
 Lindos versos do fadinho.

QUADRIN PEDICADA A COM VELHO  
SOLTEIRO

30

Não vêem que eu já sou velho  
já ando com a cã e o lado e  
já tenho cento e dez anos  
Ainda nunca fui casado.

18

Quando era rapaz solteiro  
cantava muito bem o lado  
cantava em todo lado  
Fui sempre era o primeiro.  
Foiha entan com companheiro  
que se chamava Gabriel  
coelho que era pianee  
cantei com eles bastante  
Hoje ainda querem que eu cante  
Não veem que eu já sou velho.

21

Cantava muitos dias enteiros  
deá por feiras e arratais  
As vesds não cantava mais  
por falta de companheiros.  
Ainda cantei con os primeiros  
cantôres que cantavam todo  
Este velho o soceidade  
Nunca para tras-se ficou  
mas hoje já assm não sou  
já ande con o eu o lado.

31

Já há feiras e aos mercados  
con o bucos cheios de notas  
E sempre atrás das caetoras  
con os meus fatos enfeitados.  
Nanorava en todos os lados  
Neste mundo de enganos  
E entorlei os meus planos  
Por bater a tantas portas  
E hoje tenho as pernas tortas  
já tenho cento e dez anos.

41

Gostava muito de brincar  
con as meninas ao serão  
Andava sempre con a mão  
con sentido de apalpar.  
E deixava esorregar  
pra baxo e pra todo o lado  
Sempre cheio de maldade  
A mexeir nos avertais  
Foi por estas e outras mais  
E que eu nunca fui casado.



A vila do <sup>meio</sup> Montalvão  
É piguena mas antiga.  
As pessoas que lá estão  
Todos dizem mal da vida.

1º

Dizem lá o meu papel  
Ninguém me sabe dizer  
Quem mandaria fazer  
A muralha e o Castel.  
Seria António o Manuel  
O Joaquim o João  
O José o Sebastião  
Quem seria que fêz tanto  
Fem uma obra importante  
A vila do 2º

Quem mandaria fazer  
A Igreja há tanto tempo  
Eu pergunto a tanta gente  
Ninguém me sabe dizer  
Segue o que eu estou a ver  
É uma obra Antiga  
Por quem seria construída  
Fassam favor digam lá  
Pois a vila que ali está  
É piguena mas antiga

Os que querem e ganhar  
Os pobres trabalhadores  
E dizem os lavradores  
Não há dinheiro para pagar.  
O pobre quer trabalhar  
Para ganhar o pão  
Mas não encontram patrão  
Que deia trabalho sempre  
Pois ninguém está contente  
As pessoas que lá estão.

É uma vida amargurada  
Que o pobresinho ali tem  
Os ricos dizem também  
Que a vida não deixa nada.  
Antes da quadra acabada  
Vou dizer mais em seguida  
Anda todo com a mesma lida  
Ninguém quer calar o bico  
Seja pobre o seja rico  
Todos dizem mal da vida.

No monte da Falagueira  
Não há rosas em botão,  
Hã-as de toda maneira  
Sõ desta maneira mãõ.

A tanta flor tão brilhosa  
Ninguen-me diga que mãõ  
Mas afinal um botão  
Ainda mãõ é uma rosa.  
Estã no jardim mimosã  
Agarrada há Roseira  
A-as de toda amareira  
Branquinhas e amarelas  
A rosas lindas e belas  
No monte da Falagueira.

As portas e hãs janelas  
Nas hortas e nos quintais,  
Sãõ tãõ lindas que é de mãis  
Dã gosto alhar para elas,  
Põis eu gosto muito delas  
Não posso dèser que mãõ  
Seja há tarde o de manhã  
Não ãcho nen-uma feia  
Cã dentro desta aldeia  
Não há rosas em botão.

As roseiras carregadas  
De botões paressen bem  
E todos saben porein  
Sãõ rosas que estão fechadas.  
Ainda mãõ estão criadas.  
E são filhas da Roseira  
Regadas pela fardoneira  
Amarelas e branquinhas  
Asces e em branquinhas  
A-as de toda amareira.

Um botão ao marsser  
Jã-se moça o que é,  
Jã-se ve queten um pé  
E como estão a dèser.  
Estã apenas a eresser  
Não é rosa e botão  
Depois de tempos entãõ  
Atã-se veim soceiras  
Hã grandes e hã piquenas  
Sõ desta maneira mãõ.

QUADRA DEDICADA AO HOMEM ADAM  
PRIMEIRO DO MUNDO ?

36

Quando deus formou Adão  
o primeiro homem do mundo  
foi formado de um Terra  
em pouco mais de um segundo.

Adão era tão sozinho  
e não tinha companhia  
e falou desta maneira  
Ao deus seu vizinho.  
Adão vivia sozinho  
nessa triste solidão  
e foi pedir então  
uma mulher sua amada  
Não tinha feito mais nada  
quando deus formou Adão.

Esta conversa acabou  
Adão se deixou dormir  
acordou e sentiu  
já estava a mulher formada  
do corpo del foi tirada  
Ainda em menos de um segundo  
reparai bem neste fundo  
de onde a mulher se ingerseu  
do corpo de Adão.  
O primeiro homem do mundo.

37

Primeiro fez deus o firmamento  
formou o céu e a terra  
tanta água tanta terra  
para abitar toda a gente.  
Depois fez deus todo o viver  
os enthegou ao Adão  
Eli por sua vez então  
os pôs na água e na terra  
Este homem que o primeiro era  
foi formado de um terra.

Era boa criação  
com tres filhos bons fulanos  
Durou noventa e três anos  
segunde dez a santa escritura  
A hrea dele ainda dura  
que apriexei todo o mundo  
A biblia explica bem o fundo  
Muitas vezes a tenho lido  
E dis que foi engereido  
Em pouco mais de um segundo

38

É Monte do Chão da Velha  
Terra a onde eu nascim.  
Eras tam linda e bela  
Estás aguase a dar o fêim<sup>1a</sup>

Lembras-me com saudade  
Minha terra meus amôres  
Eras um jardim de flores  
Onde brilhava a mocidade.

Rapazes de todo lado  
Jem ao Chão da Velha  
Quinda mocidade bela

Nesse tempo lá avia  
Hoje já não tens alegria  
É Monte do Chão da Velha<sup>2a</sup>

É que grande balharada  
Nesse tempo lá avia  
É de toda a Freguesia  
Ja toda a Rapaziada.

Era até de madrugada  
Aguase que mãe lúbia fêim  
Hereditan que era assim  
Quen mãe viu bem pode crêr  
Nunca-me ade esquecer  
Terra a onde eu nascim

39

39

Minha terra abandonada  
Está aguase sem ninguém  
Mocidade já não tem  
Está de todo despezada.  
Familia aguase acabada  
Já pouca gente lá há nela  
Já não corren para ela  
Como era Antigamente  
Minha terra muito tempo  
Eras tam linda e bela<sup>4a</sup>

Tens muita gente lá para  
E isto que-se está verde  
Pobres velhos vão morrendo  
E os novos vão-se embora.  
Estás dando o fêim agora  
Tan triste é para mim  
Chão em-te ver assim  
Terra a onde eu fui criado  
Já lá mãe tens mocidade  
Estás aguase a dar o fêim

Chão da Velha novo tempo  
Não tinha boas estradas,  
mas depois veio nova gente  
Fizeram novas estradas.

2º

Tem uma estrada Aredrada  
Tão boa que até' Concoila,  
E depois dela acabouza  
Fizeram também a Esíola.

3º

Não há malta para a bóla  
Não há malta para jogar.  
Para que guerem a escola  
Não há malta para estudar.

4º

Já tem electricidade  
Está tudo muito bem.  
Já está electrificado  
E pouca gente lá tem.

5º

Eu achava muito bem  
Quando era mais abitado.  
Agora aquece - sem ninguém  
Está tudo iluminado.

6º

Dá vontade de chorar  
Ter tudo bem preparado.  
O povo vai deixar  
Fica tudo abandonado.

7º

Chão da Velha vás morrer  
Eu sei que vás acabar.  
Lo que eu estou a dizer  
De-serto mãe vai galhar.

8º

Chão da Velha vás morrer  
Chino em-te ver assém.  
Mas como é que pode ser  
Minha terra dar o fém.

9º

Chão da Velha vás morrer  
Mas eu vou morrer primeiro.  
Mas como é que pode ser  
Acabar um povo inteiro.

10º

Eu era Cantor do dado  
Na minha mocidade 'belar  
E fui marcido e Criado  
No Monte do Chão da Velha

11º

Pesso desculpa meus senhores  
Pesso a todos em ferar.  
Velhos e novos Cantores  
Desculpam se isto está mal.

É morte tirana morte  
 Não tens pena de ninguém  
 Deixas os filhos sem pai  
 E tu achas que está bem

Deixas tanta Rapariga  
 Deixas Rapazes tão belos  
 Para que não deixas só velhos  
 Que já gosaram a vida  
 Não te dá nem uma lida  
 Tens um poder muito forte  
 Não há remédio que corte  
 Que te faça afustar  
 Há tanta gente a chorar  
 É morte tirana

A onde quer que a morte vai  
 Acaba com a valentia  
 Acaba logo a alegria  
 Nem uma coisa distrai  
 Nem um menino sem mãe e pai  
 Alguns até sem ninguém  
 Ai pelo mundo alem  
 Há assim tantas meninas  
 Deixas-as tão pequeninas  
 Não tens pena de ninguém

Deixas tantas irmanzinhos  
 - se saberen vestir  
 Alguns até a serio sorrir  
 Por eles souen tan novinhos  
 Porque mãe saben coutadinhos  
 Soua sorte a onde vai  
 E quando é que o morte sai  
 Há corta a coraçõ  
 É morte mãe tens rasão  
 Deixas os filhos sen pai

Tu não procuras idade  
 Quando cheigas a um pávo  
 Deixas o velho e a mãe  
 E alguns na mocidade  
 Não vês aquele entrevado  
 Que já remédio mãe tem  
 Pede a morte ela não vem  
 Dezerto para ir para a eova  
 Deixas tanta gente nova  
 E tu achas que está bem

Alem maquele semiterio  
 A onde tu o povo gritas  
 A onde estao sepultadas  
 Algumas moças bonitas

Tanta gente que vai morrendo  
 Novas e lindas figuras  
 E lá van para as sepulturas  
 Alé estao apodressendo.  
 Terra tudo vós comendo  
 Por isso tambem espera  
 Fiaço de ti o que quero  
 Terra que tudo comomes  
 Depois de morte-me eimes  
 Alén maquele semiterio

1  
 Quando a gente ali vai ven  
 A quele lugar tan infelís  
 A onde há tanta raís  
 Sen uma planta massero  
 Alé estao apodresser  
 Lindas fazendas e ehilas  
 Palmitos flôres e fitas  
 Temos gude mos comfremar  
 Alé tudo vai fender  
 A onde tu o povo ritas.

O meu deus o meu geziús  
 Quee momeu lindas donzelas  
 E feez o retrato delas  
 Em moldura mesma Cruz.  
 Sees mães que as dan há lús  
 Serem tan desventuradas  
 Tan lindas tan ingradas  
 Que nen hen é pongoz misto  
 Na quele morada triste  
 A onde estao sepultadas.

43

Alé debuxo do chão  
 Dibuxo da terra dura  
 No fundo da sepultura  
 Fexadilhas nun cação.  
 Até corta o coração  
 O que tu o morte praticas  
 Tristes sortes tan malditas  
 Gente tan moza morrer  
 Depois a terra comer  
 Algumas moças bonitas.

46

1º

Na vida de toda a gente  
 Há um momento final.  
 É de grande sentimento  
 É o momento mortal.

2º

Digo a todos em geral  
 Já que não há mais quem diga  
 Pois o momento mortal  
 É a fim da nossa vida.

3º

É o fim da nossa vida  
 Também do nosso viver.  
 Que mais ~~quis~~ querem que eu-lhe diga  
 Fim da vida é morrer.

4º

Todos temos que sofrer  
 Todos temos que pensar.  
 Fim da vida é morrer  
 Fim da vida é acabar?

Prazer e muita Alegria

Ser rico sempre a gozar.

Vaidade e a valentia

Tudo a camp<sup>os</sup> vai fender.

Dêsen que vamos para o céu.

Mas não os corpos mortais.

Já disse tudo o que é

Já não posso dizer mais.

QUADRA - DEDICADA - A - UMA - RPARIGIA

QUE NAMORAVA - UM - PESCADOR

EIA

Meu amor é de Seisboá  
 Grande ven sempre me traz.  
 Num bom peixe entre as pernas  
 Com dois tomates a traz.

ELE

O meu amor quando fala  
 Fala sempre com desparatose  
 Traz a cadeira entre as pernas  
 Para comer os meus tomates.

ELH

Meu amor é pescador  
 E traz-me sempre uma enxada.  
 Ela até me dá calor  
 Tem a pul tão macia.

ELÉ

A minha amada Maria  
 É uma grande gargadeira.  
 Quando eu-lhe dou a enxada  
 Enxada logo inteira.

ELH

Amer João vâcto há fossa  
 O que estás tu a desen.  
 Quênto a enxada é grossa  
 Custa bastante a roer.

47



ELE

Não é assim não Maria  
Aqui não há d, nem bico  
Quando eu te dou a enguia  
Ela nunca mais se vê

ELA

Não digas isso João  
Não sejas para mim cruel  
E quer tu queiras ou não  
Eu nunca me tire a perna

ELE

Nesta grande brincadeira  
Ainda me chamas ruído  
É cozida na caldeira  
Com rabo cubessa e ludo

ELA

Ó João ó joanzinho  
Ei já não quer mais nada  
Por causa desse peixinho  
Trago a barriga enxada

ELE

Ó meu amor minha amada  
já-me estás a dar ceiais  
Tens a barriga enxada  
já-te não torno a dar mais

FALANGUEIRA CAPETILISTA

49

19

Falangureira está rica  
É o dinheiro da barragem  
Lá se vê e mais bonita  
Este chemo de Corage

Nesta merce e Corage  
Vamos ver no que isto dá  
Tem o dinheiro da barragem  
Falangureira está rica

34

Um pouco preparado  
Com água no centro em bico  
E um pouco de cidade  
Cada vez é mais bonita

40

E também já tem carneira  
Lêve tem a sua paragem  
Mas para a Falangureira  
É uma grande vantagem

50

Tem carros e camões  
Tem uma boa entrada  
Tem rádios e televisões  
Aqui já não falta nada

Falagueira era pobre

Agora cristalista

A cá só ouro e moço sobre

Que é o que está há vista

6<sup>a</sup>

Falagueira está viva

A Chão da Velha a morrer

Eu vivo com esta lida

Como é que isto pode ser

7<sup>a</sup>

8<sup>a</sup>

Quando foi moesta lada

Em tempos que já lá vão

Dei brilha a moeda

E na Falagueira moço

Para não me

9<sup>a</sup>

Para não me chamarar tudo

Chéique aos pontes, finais

Eu axo que já disse tudo

Já não posso dizer mais

FADO

MUJO

Tenho um livro que eu escrevi

Para nunca-me esquecer

Faz os versos assim

E quando ele morrer

1<sup>a</sup>

Quando era rapaz solteiro

Eu era cantor do fado

Hoje estou velho cansado

Memorando a dia inteiro

Eu tinha um companheiro

Não sei já deí a gem

Bem triste é para mim

Deixar-me o tempo passado

Para não-me esquecer o fado

Tenho um livro que eu escrevi

2<sup>a</sup>

Vê a qualquer Romaria

Para o tempo a cantar

E háis vezes a dançar

Com a maior Alegria

Tinha esta sentença

As minhas quadras fazer

Agora posso dizer

Que ali háis uma história

Escrevi a minha memória

Para nunca-me esquecer

Estava na Amadureza  
 Minha vida era esta  
 Anelava de festa em festa  
 A cantar o lundu  
 Cantava em todo o lar  
 Meu cantar não tinha fim  
 E perguntavam por mim  
 Se eu na festa não estava  
 A onde quer que eu chegava  
 Fazia versos assim

A<sup>4</sup>

Quando eu lá sei far  
 Era tan rogo e valente  
 Hoje sou um padessente  
 Já não posso trabalhar  
 Para melhor explicar  
 Ofício no mundo a sofrer  
 Já nada posso fazer  
 Por eu ter tantas fadigas  
 Fico versos e canções  
 E quando até morrer

## MOTO

En mil noveentos e quarenta e cinco  
 No monte da Falagueira  
 Uma moléstia caiu  
 Sobre a Aldeia inteira.  
 1.<sup>o</sup>

Em quarenta e quatro começaram  
 As febres intestinais  
 Levaram aos filhos os pais  
 E outros que os não deixaram.  
 Aquelles que ainda ficaram  
 Dizer agerz o seguinte  
 Que sofreram, mais de vinte  
 Momentos quase a morrer  
 Uns a chorar outros a gemer  
 Em mil novecentos e quarenta e cinco.  
 2.<sup>o</sup>

Este povo mouro tempo  
 Estava cheio de saar virtude  
 Era um ramo de saude  
 Mas pzeou a ser doente.  
 Dizem que é filho do tempo  
 Outros que foi a Fonte da Femeira  
 Mas ninguem sabe de que maneira  
 Adivinhar deus proibiu  
 Foi em azar que caiu  
 No monte da Falagueira.

Morrem tambem com nascidos  
 É o azar é a má sorte  
 Esta sempre a chegar a morte  
 Que nos faz andar temidos  
 A tantos já falecidos  
 Como nunca - se cá viu  
 O povo todo sentiu  
 Esta enorme corrente  
 Em cima de muita gente  
 Uma molestia caiu

42

É triste meus amiguinhos  
 No cemitério tantos aís  
 Na sepultura dos pais  
 Choram os filhos coitadinhos  
 Já há alguns orfãozinhos  
 Lá para os lados da parreira  
 Morrem de qualquer maneira  
 E a febre já auzentou  
 Foi ar que por aquí passou

Sobre a aldeia inteira  
 Até a propria moicada  
 da mão tinham alegria  
 Demingos da mão havia  
 Como me estre tempo passado  
 o saio estava fechado  
 Pois tinha lulo tambem  
 o povo todo, Porém  
 Estava cheio de tristeza

Digo com toda a fineza  
 Sempre se ande lembrar bem?

Moto  
 É morte tirana morte  
 É negra e metes medo  
 Levaste para o cemitério  
 Francisco Pereira Semedo

19

Começou a trabalhar  
 Ainda era tão novinho  
 Ficou sem o seu paisinho  
 A morte quiz levar  
 Quem havia de adivinha  
 Que deus com a sua mão forte  
 Dehe dava esta triste sorte  
 Na flor da sua idade  
 Há quatro anos casado  
 Não há morte tirana morte

23

Seguindo assim trabalhador  
 Fez-se um rapaz elegante  
 Agora era negociante  
 Que lhe dava mais valor  
 Mas veio o mal veio a dor  
 Na tenra idade tão cedo  
 O levou para aquele degredo  
 Prisão que é tão rigorosa  
 Oh morte que és tão custosa  
 És negra e metes medo

39  
 Só quem bem o conhecia  
 É que sabia o seu moral  
 Tinha um feitio especial  
 Como bem poucos havia.  
 Para onde quer que ele ia  
 Era um tipo honrado e sério  
 Cada um diz o que quer  
 Oh morte tiveste a crueldade  
 Um coração de bondade  
 Levaste para o cemitério;

40  
 Caminhando de estrada em estrada  
 Até por esses Caminhos  
 Dizem os seus amiguinhos  
 Era tão bom camarada.  
 Mas a morte não respeita nada  
 Avança com toda a parede  
 E leva tudo na rede  
 O seu poder é profundo  
 Levou para o outro mundo  
 Francisco Pereira Semedo;

## MOTO

Adeus Monte da Falagueira  
 Adeus monte da Falagueira  
 Adeus monte da Falagueira  
 Adeus monte da Falagueira;

1ª

Neste lugar tão perigoso  
 Dando ais por Jesus  
 Mãisinha que me desta a luz  
 Para ser tão desditoso.  
 Com este mal tão afrontoso  
 Sinto a morte à cabeceira  
 Já está na minha frenteira  
 Eu bem a sinto a creseer  
 Por isso digo até morrer  
 Adeus Monte da Falagueira;

2ª

Adeus minha mulher querida  
 Adeus meu querido feitinho  
 Ficas ainda tão movinho  
 Que será da tua vida;  
 A minha já está perdida  
 Já se acabou a carreira  
 Que eu usava de feira em feira  
 Com a minha mula tam brava  
 Que só eu a engatava  
 Adeus monte da Falagueira;

3ª

Digo a deus aos meus vizinhos  
 Digo adeus a toda a gente  
 Despeço-me com sentimento  
 Dos meus queridos amiguinhos.  
 Digo adeus aos meus sobrinhos  
 Adeus toda a parenteira  
 Adeus de toda a Maneira  
 Adeus que isto é um momento  
 Adeus Adeus para sempre  
 Adeus monte da Falgueira,<sup>2</sup>

4ª

Adeus Cunhado e adeus maná  
 Primos e tios e tias  
 Adeus para todos os dias  
 Oh querida Mãezinha Ana,  
 Adeus leite e adeus cama  
 Adeus rua da Parreira  
 Adeus oh aldeia inteira  
 Vou deixar nun Caixão  
 Adeus moicidade e adeus salão  
 Adeus Monte da Falgueira,<sup>3</sup>

1ª

59

Oh rico filho adorado  
 Ceração cheio de bondade  
 Fiveste uma triste sorte,  
 Enquanto eu no mundo andar  
 Sempre por ti ei-de chorar  
 Até há hora da morte,<sup>2</sup>

Nunca me háde esquecer  
 Toda a vida até morrer  
 A tua santa figura,  
 Quando-te quiser visitar  
 Vou em lágrimas a chorar  
 Lá á tua sepultura,<sup>3</sup>

Aonde ficas retratado  
 Nessa moldura fechada  
 Lá no meio dum capela,  
 Quando foi que o tiraste  
 Da triste Sorte te não lenbraste  
 Que-te enleavas a ela,<sup>4</sup>

4ª

Para nunca-se esquecerem  
 A moldura te aferecerem  
 Foram os teus amiguinhos,  
 Quando lá vão há sepultura  
 Lá está a bela fégura  
 Companheiro nosso pelos caminhos,<sup>5</sup>

60  
Vais para a última morada  
No fundo da terra sagrada  
Naquela triste escuridão,  
Debaxo da terra dura  
No fundo da sepultura  
Depositado num Caixão,  
6.º

Morro Com esta paixão  
Filho do meu coração  
Com esta mágoa tão sentida,  
Ficar sem o meu marido  
Agora sem-te filho querido  
Adeus Para toda a vida,

### ULTIMA=DESPEDIDA-de-FRANCISCO PEREIRA

Mulher não posso acabar  
Sem-te dizer a chorar  
Adeus para toda a vida,  
Irmão e mãe reparaí  
Peló meu fêlhenho que fica sem pai  
Com a maisinha dele querida,  
Irmão 1.º

Irmão não posso acabar  
Sem-te poder abraçar  
Estou aqui Por pouco tempo,  
Já está a chegar a hora  
De vir a morte e eu cr-me embora  
Digo-te adeus para sempre,

3.º  
61  
minhas penas dobradas são  
maisinha do coração  
Digo-lhe adeus a chorar,  
Ficou sem o seu marido  
Agora sem o seu filho querido  
já o não torna abraçar,  
4.º

Tou-me embora sem sentir  
Um longo sono a dormir  
E tanta fêntê atrás de mim,  
Adeus compadres e vesinhos  
Adeus meus queridos amiguinhos  
Até um dia sem fim,  
5.º

Vou para debaixo do chão  
Com o meu filho no coração  
Chorai amigos chorai,  
Fica meu filho orfãosinho  
No mundo ainda tão movinho  
Sem os carinhos de pai,  
6.º

Estou nos meus dias finais  
já não posso viver mais  
Neste momento mortal;  
Chego de dor e sofrimento  
Digo adeus a toda a gente  
Até um dia final?

marido nunca pensei  
 Na sorte que deus nos deu  
 Ficar assim viuvinha?  
 Tu vais para o cemitério  
 Deixas a tua mulher  
 junto a esta criança?  
 2º

Ficaste sem o teu passinho  
 Ainda eras tão movinha  
 Quando o levou a morte,  
 Tanto que tu trabalhaste  
 E de nada te gozaste  
 Deixaste deus a mesma sorte  
 3º

Tão nova já viuvinha  
 Nos braços está criança  
 Chorando a olhar para ele,  
 Vais-te embora tão movinho  
 Só cá deixa um raminho  
 Para toda a gente se mirar nele?  
 4º

Chorando lágrimas de sangue  
 Na triste vida pensando  
 Em ficar sem o marido,  
 Também que fonte eu contigo estava  
 E tão bem que a gente se dor  
 Eu contigo e tu comigo?

Mas quem havelo conceder  
 Que nos havemos de apartar  
 Casados só há quatro anos,  
 Tu vais-te embora daqui  
 Eu fico a chorar por ti  
 Neste mundo de enganos;

6º

Aonde há tanta gente a sofrer  
 Suas contas a fazer  
 Para a vida ser governada;  
 Nunca pensando em Inoléstias  
 E num momento vem uma destas  
 Aí fica a vida acabada?  
 7º

Naseeste para ser infeliz  
 Tua sorte assim o quiz  
 Morrer na terra idade,  
 Das a última despedida  
 No princípio da tua vida  
 Há pouco tempo casado?  
 8º

Como é que eu posso viver  
 Oh marido sem te ver  
 Com o moço, filho nos braços?  
 Tua agonia é tão forte  
 São as afrontas da morte  
 Da-me os últimos abraços?



Vais para baixo do chão  
 Cheio de dor e paixão  
 Com penas do teu filhinho,  
 Que fica com a avózinha  
 E nos braços da mãezinha  
 Por ser ainda tão novinho?

10  
 Merres a pensar na vida  
 No filho e na tua querida  
 É a quem tens mais amor?  
 Diz-me já adeus a mim  
 Adeus que já estás no fim  
 Adeus naminho de flor?

11  
 Estás nos teus dias finais  
 Já não podes viver mais  
 Fêlo grande sofrimento,  
 É a última despedida  
 Adeus para toda a vida  
 Adeus adeus para sempre?

12  
 Adeus suspiros e adeus aís  
 Adeus para nunca mais  
 Oh! coração cheio de dor  
 Adeus que já estás na hora  
 Adeus que-te vais embora  
 Adeus Adeus meu amor?

quem pergunta quer saber  
 quem a mim me não conhece  
 Por está nome me assino,  
 É assim desta maneira  
 Minha terra é Falagueira  
 Sou João Marques Faustino?

10  
 Moro na rua do Barreiro  
 Sou vizinho do sapateiro  
 Dou-me bem com toda a gente,  
 Tenho assim estas partidas  
 Gosto de fazer canções  
 Para melhor-se passar o tempo?

11  
 Pois agora meus senhores  
 Peço desculpa meus leitores  
 Em isto ficar mal notado,  
 Amigos da Coração  
 É uma recordação  
 Do triste tempo passado?

12  
 Sou Faustino Sou Faustino  
 Não posso dizer que não;  
 Não tenho falta de tino  
 Não é, mas sim de instrução

A' Izabeis e á Palmiras  
 Marias e Patrocínias,  
 A' Chicas e á Alziras  
 Antónias e Joaquina,  
 1ª  
 A' Juliã e Laurentinas  
 A' Lauras e á Albertas  
 A' Lúcias e á Rebertas  
 Jacintas e Clementinas,  
 A' Leúdes e Leontinas  
 Margaridas e Telvras  
 A' Eubelinas e Elvras  
 A' Amálias e á Amélias  
 A' Ezilias e á Zelias  
 A' Izabeis e á Palmiras,  
 2ª  
 A' Rosárias e á Rcasas  
 A' Carnas e á Eilizas  
 A' Constanças e Luizas  
 Odetes e Preciosas;  
 A' Anas e Gracías  
 Beatrisas e Catarina  
 Carlotas e Seifinas  
 Nazarés e Encarnações  
 A' Trezas e Concecções  
 Marias e Patrocínias?

A' Flicas e á Carmindas  
 A' Olivias e Auroras  
 Celestas e Teodoras  
 A' Silveras e Laurindas,  
 Mirianas e Armindas  
 A' Olímpias e Belmiras  
 A' Aidas e á Zolmiras  
 1ª Enrrequelitas e Américas  
 A' Ángelas e á Angéleas  
 A' Chicas e á Alziras?  
 1ª  
 A' Helas e Julianas  
 A' matildes e Graçindas  
 A' Drenes e Benvindas  
 Alcées e Lucianas;  
 A' Josefas e Joanas  
 A' Tomásias e Balbinas  
 Engenas e Rosalinas  
 Emílias e Beneditas  
 A' Auldinas e á Rltas  
 Antonias e Joaquina?

Faz horas da Combrança  
 Estava dormindo a sonnar.  
 No jardim da bixarada  
 Vêm coisas de admirar.

12

Vêm como pulgo a saltar  
 Na rabe sua bixarada  
 Um piolho a fazer e pô  
 Com sentido do a marar.  
 Vêm uma Jacaranda  
 Na... meio desta bixarada  
 Aviz ali só por ali  
 Tudo em volta de mim  
 Peguei no relógio e vêm  
 Tres horas da madrugada.

23

Vêm um mouse cantar e jub  
 Num pente a tocar viola  
 Um save a fazer há b. b.  
 Que foi e mais engraçado  
 Vêm um rato arrebitado  
 Num ofessina a traballar  
 Batendo ferro a soldar

Nas com um grande resiste  
 E de ver tudo isto  
 Estava dormindo a sonnar

Vêm um lagarte a cantar  
 Com quadras e canções  
 Vêm um balho de formigas  
 Que também sabem dançar.  
 Vêm um grile a tocar  
 Num guitarra afinada  
 Vendei e mãe vi nada  
 E tennei há dormeser  
 Num frute vira a correr  
 A jardim da bixarada

42

Vêm uma Rarosa gasteira  
 Dançar trizo aos molitos  
 Vêm uma corda de mosquitos  
 A debulhar numa eira.  
 Num uma daninha ligeira  
 Já num jardim a regar  
 Vêm uma cobra a ladrar  
 Com a língua tan comprida  
 Num senho da minha vida  
 Vêm coisas de admirar?

Minha neta Maria  
 meu filho Joaquim Neto  
 Eu tinha muita alegria  
 Em viver com eles sempre

25

Eu vivia alegremente  
 Com os meus netos no meu lar  
 Era um lindo passe tempo  
 Passo disso há bastante

32

Quando eu lá vou  
 Com eles ao evento  
 O tempo era só para  
 Alegria e todo carinho

43

O meu neto o meu neto  
 O outro que é o outro  
 Os dois juntos é grande  
 Tem a memória de fantasia

50

Escreto pela minha neta  
 Deixo um livro por estudar  
 É uma recordação  
 Para aprenderem a ler

Quando estiverem a cantar  
 Se Ruc e também o Leino  
 Sempre juntos vão  
 Com o mesmo amor fantasia

70

Já não tenho quem me de  
 Diz o Ruc em fala grossa  
 O Ruc já falese  
 A memória ficou moça

82

Canta com muita alegria  
 O Leino e o Compadreiro  
 Ainda onde se um dia  
 Os padistas do Barreiro

É tanta gente a brilhar

Para morrer nos momentos

A terra sempre a ficar

É eterna eterna sempre

14

Dá gosto da Alegria

Ver tanto vivente na terra

Tudo tanta vida berra

Com a maior valentia

Quando é ao passar da dia

Tora tudo a levantar

Comessa o sol a raiar

Que dá uma luz que até consola

No mundo que é uma bola

A tanta gente a brilhar?

24

E não há nem um coniluge

Que não tenha bixerata

Está a terra formada

Com tanta tanta bixerata

Todos te-em o seu nicho

E o seu entendimento

Andam ao rigor de tempo

Quer de noite quer de dia

E a terra tudo cria

Para morrer num momento?

Sentem-se as Árvores no Campo

As curvas no jardim

Fazem bem que é assim

Muita gente a sofrer tanto

Muita tanta muito tanta

Tanto peixe no mar

Tanta gente a navegar

Tudo a andar tudo corre

E tudo acaba e tudo morre

A terra sempre a ficar?

43

Os sol os astros e a lua

Que nunca desaparecem

Duravelmente aparecem

Na carreira que é a sua

E a terra continua

A criar todo o vivente

Tanto animal tanta gente

Morre o velho e a criança

E a terra que é tan velhona

É eterna dura sempre?

QUADRA DEDICADA A JENTE NOVA QUER IR  
PARA A CIDADE, FICAM OS VELHOS A TRABALHAR  
NA AGRICULTURA

NOTE

Vamos cantando a sorrir  
Enquanto ouver alegria  
Se a terra não produzir  
Que será de nós um dia.

13

A tanta fente na vida  
Que querem ir para a cidade  
Aqueles de menor idade  
Todos te-em essa lida.  
Está a terra perdida  
Trabalhar ninguém quer ir  
Andam todos a fugir  
Do trabalho Agricultura  
Antes de vir amargura  
Vamos cantando a sorrir.

25

A terra abandonada  
Está cheia de mato grösse  
Se ela explorada fosse  
Para tudo de carhada.  
O rio já não faz nada  
Como ele dantes fazia  
A terra assim nada eria  
O tempo vai-se passando  
Vamos bebendo e cantando  
Enquanto ouver alegria.

35

Pobres velhos vão morrendo  
E os novos vanse embora  
Ate que ade vir a hora  
Que pouca fente vai avendo.  
E como eu estou disendo  
Cantando assim a rir  
O povo ade sentir  
A falta de mentimento  
Que será de tanta fente  
Se a terra não produzir.  
42

A guerra em todo lado  
Os partidos não-se entendem  
Eles não-se compriendem  
Anda tudo variado.  
Está o campo abandonado  
É o que tem mais valia  
Se acaba a mareadoria  
Que está a vir do estrangeiro  
Eu digo ao povo inteiro  
Que será de nós em dia.

A tanta fente na vida  
 Eu já tenho perguntado  
 Não há ninguém que-me diga  
 Como o mundo foi formado

Vem na bíblia sagrada  
 Que estive a ler um momento  
 Que deus fez o firmamento  
 Antes de fazer mais nada.  
 Depois da terra formada  
 Formou Adão em seguida  
 Este andava com a lida  
 Quería uma companheira  
 Ninguém sabe de que maneira  
 A tanta fente na vida

Eu pergunto com firmeza  
 Aos Cientistas de Angola  
 Quem é que formou a bola  
 E com tam grande firmeza.  
 Cá na mação Portuguesa  
 Tanto que te em esticado  
 No estrangeiro e em tab lado  
 Morrem alguns a estudar  
 Ninguém-me sabe explicar  
 Eu já tenho perguntado

Ninguém-me sabe dizer  
 Se há um deus verdadeiro  
 Que tudo possa fazer.  
 Gostava muito de ver  
 Esta frase desdedida  
 Muito bem compriendida  
 Com muita atenção e fé  
 Se é assim o não é  
 Não há ninguém que-me diga

Temos um grande luzeiro  
 Que é rijo e não é mol  
 Quem é que formou o sol  
 Que dá luz ao mundo inteiro  
 Não há nenhum Cavalheiro  
 Que diga a pura verdade  
 Como é que foi destinado  
 Não há nenhum Cientista  
 Que-me ponha tudo há vista  
 Como o mundo foi formado

O meu dito ~~verdade~~ continua  
 Bem poden chamar tudo.  
 As estrelas e a lua  
 Quem é que fez isto tudo.

A terra é comparada  
 A um vivente qualguero  
 Diga qualquer lamorada  
 O que muito bem guiser.

A carne é a terra groça  
 Vou-lhe tirar os modelos.  
 E os ossos é a roça  
 Os matos são os cabelos.

Tem barros e tem areias  
 Mais adiante vou espiar.  
 Os massentes são as veias  
 A boxiga é o mar.

O sentre é o coração  
 Que a terra faz finar.  
 E é esta a sulução  
 Que não-me deve enganar.

A cabeça deve ser  
 A parte mais alta da terra.  
 Pois isto cá ao meu ver  
 É o que em mim-se enerra.

A terra fira doente  
 Não é como era algun dia.  
 Padesse todo o vivente  
 E dantes nada sofriz.

Padessen as oliveiras  
 E padessen os sobreiros.  
 Padessen as azinheiras  
 Padessen os castanheiros.

~~Padessen~~ 95  
 Padessen todas as plantas  
 E tudo o que vai vivendo.  
 Pois as doensas são tantas  
 E a sofrer vão morrendo.

Padesse muita bixarada  
 Padessen os animais.  
 Está a terra infetada  
 Amigos isto é de mais.



11.<sup>a</sup>  
 Padesse o velho e o novo  
 Padessen as criancinhas.  
 E sofria mais o povo  
 Se não fossem as menzinhas.

12

Para diser a verdade  
 Tenho que falar assim.  
 Anda tudo adoentado  
 Esta' tudo a dar o fêm.

13.<sup>a</sup>

Pesso desculpa meus senhores  
 Se eu não tenho razão o  
 Injenheiros e doutores  
 Deicame uma solução.

QUADRA DEDICHA A VILA DE NIZA QUE FOI FORMADA  
 ANO DE 1984 100 ANOS QUE FOI FORMADA.  
 MOTO

É linda vila de Niza  
 Linda vila Alentejana.  
 Tem tudo o que se precisa  
 É uma vila de fama.

1.<sup>a</sup>

Niza velha foi derrotada  
 Segunde um livro diz.  
 Pelo rei o don Deniz

Niza nova foi formada.  
 Era toda amoralhada

Um forte que não deslisa  
 Está em pedra não está lisa  
 Homens que fizeram tanto  
 Agora é um encanto

É linda vila de Niza.  
 2.<sup>a</sup>

Tem boa terra de trigo  
 E para milho e sentieio.  
 Está situada no meio  
 Reparar que é como eu digo.

Depois do trabalho antigo  
 Teio a Agua da Galiana  
 Aquí ninguém se engana  
 Foran todos os presidentes

Fizeram só correr dos tempos  
 Linda vila alentejana.

Abitantes do conselho,  
 Digam bem não digam mal.  
 Nissa tem um novo hospital  
 Já-se não usa o velho.  
 Ten-en lá um aparelho  
 Pra quando é que-se precisa  
 No local a onde pisa  
 O adulto e o infantil  
 Tem tabem um bom asil  
 Tem tudo o que-se precisa

4<sup>a</sup>

É uma vila antiga  
 Do distrito de Portalegre  
 É bonita e alegre  
 Que mais querem que eu diga  
 Tanta folha tanta espiga  
 Tanta árvore tanta rama  
 Ruas limpas sem ter lama  
 No sentre um lindo jardim  
 É e tudo isto assim  
 É uma vila de fama.

1<sup>a</sup>

Nissa velha destróida  
 Quiseram derrotar.  
 Ficara en triste vida  
 Chorande pelo seu lar.

2<sup>a</sup>

Logo o rei o don Jenziz  
 Nissa nova foi formar.  
 Pensou e assim o quiz  
 Os misenses ér chamar.

3<sup>a</sup>

Pegaram a trabalhar  
 Num trabalho que eu bem sei  
 Fazendo casas para abitar  
 Com o axílio do rei.

4<sup>a</sup>

E depois foi construída  
 A quella grande muralha.  
 Nunca mais foi destróida  
 Não tornou aver batalha.

5<sup>a</sup>

Nissa está muito aumentada  
 É bonita não é feia.  
 Está entre o barro e a reia  
 A sete séculos formada.

Pra-me não chamaram tudo  
 Chegue aos pontos finais -  
 Ainda não disse tudo  
 Eu já não sei dizer mais.

70

Viva o senhor presidente  
 Destas vés Alentejana.  
 Viva o senhor tenente  
 Da guarda republicana.

85

Senhoras e meus senhores  
 Vivam todos em ferial.  
 Engenheiros e doutores  
 Desculpam-se isto está mal.

90

Pesso desculpa entan  
 Que eu mais versos não gesso.  
 Porque a minha instrução  
 Foi só a segunda classe.

91

É assim o meu destino  
 Sou assim desta maneira.  
 Sou o cantor, o Faustino  
 Do monte da Falagueira.

## MOTO

Vamos todos para o Barreiro  
 Vamos todos para o Barreiro  
 Vamos todos para o Barreiro  
 Vamos todos para o Barreiro

10

Deixemos a Falagueira  
 E mão-se queiram ralar.  
 Vamos todos pascar  
 Língua toda inteira  
 Vamos todos na carneira  
 Carregados de dinheiro  
 Compramos um barro inteiro  
 Pra vivermos todos juntos  
 E para nós sermos muitos  
 Vamos todos para o Barreiro.

20

A lá boas, avenidas  
 Bons cafes, com bon marisco  
 Vamos e deixemos isto  
 Nós aqui só temos lidas  
 A lá tan boas Comidas  
 Boa carne de carneiro  
 De vaca e de boseiro  
 Não é da que vem de Angola  
 Pois-se nos dá cá na bola  
 Vamos todos para o Barreiro

Vamos todos navegar  
 Somos todos pescadores  
 Aqueles que são cantores  
 Vão à imossa cantar  
 A guitarra acompanhar  
 Ade avêr un companheiro  
 O meu dito é verdadeiro  
 Eu não engano ninguém  
 País se gueren viver ben  
 Vamos todos para o Barreiro  
 4<sup>a</sup>  
 Vai o Manuel Femiño  
 Leva o maxo e a carroça  
 Para acartar sardinha groça  
 Quem a vende é o Faustino  
 Seguimos este destino  
 Vamos eu sou o primeiro  
 Aja qualquer cavalheiro  
 Que-me queira ajudar sempre  
 Se quierem passar bon tempo  
 Vamos todos para o Barreiro

Ade ser o que calhar  
 Ade ser o que calhar  
 Ade ser o que calhar  
 Ade ser o que calhar  
 1<sup>a</sup>

Depois de estar no Barreiro  
 Todos vem tratar de vida  
 E eu cá a minha vida  
 É comprar un barro inteiro  
 Se ele-se acabar o dinheiro  
 Vou a casa levantar  
 Estan prontos para-me dar  
 Notas grandes até erêr  
 E no fim vamos a vêr  
 Ade ser o que calhar  
 2<sup>a</sup>

Os velhos trabalham no léxo  
 E outros nos autoearnos  
 Outros a faser cigarros  
 Que é para matar o bixo  
 Está tudo sempre feixo  
 A vida a continuar  
 Anda tudo a trabalhar  
 A gozar a qualquer hora  
 Depois pela vida fora  
 Ade ser o que calhar

3-5  
Trabalha-se en obras fênas  
Trabalha-se en todo lado  
Aquêle que é especializado  
Trabalha nas ofeçinas  
Con un martelo de quatro guinas  
Muita xave para apertar  
Boças que eu não sei explicar  
Todas andan com resista  
E depois de tudo isto  
Ade ser o que calhar

43  
Será a minha desgraça  
Deixarmos a Falagueira  
Seja de qualquet maneira  
Tamos ver o que-se paga  
Se ele-se acabar a mácia  
Eu é que tenho que pagar  
Como é que-me eide arranjar  
Neste balho nestas vaçeas  
Vende as botas e as calças  
Ade ser o que calhar

89  
QUADRA DEDICADA AO INSTRUCTOR DO  
RANXO DA FALAGUEIRA,

MOTO

No monte da Falagueira  
Quem canta o fado é fadista  
Para qualquet brincadeira  
Josi da cruz é artista

13  
É um homem tam feitoso  
Para o balho inventar  
Porisse anda a ensaiar  
O, ranxo que é tan famoso  
É um homem corçoso  
Que tem a sua maneira  
É um cantor de primeira  
Gostam do ouvir bastante  
Ainda há mais quen cantê  
No monte da Falagueira

2º

É da minha geração  
Nacemos para cantar  
Eu até canto a sonhar  
Não posso diser que não  
Ele canta qualquet canção  
O, sei saber está há vista  
É um bom cordanista  
Toca bem e nunca erra  
Pois aqui na nossa terra  
Quem canta o fado é fadista

É um grande bailador  
Encina a malta a bailar  
Toca e sabe cantar  
Queche dá muita valor  
Ele é que é o construtor  
Do ranxo da Falagueira  
Tem uma música ligeira  
Para bailar de repente  
É um homem competente  
Para qualquer brincadeira.

4<sup>a</sup>

E quando é que o ranxo sai  
Toca tudo a levantar  
E lá vai tudo a brilhar  
José da Cruz é o pai  
A onde quer que ele vá  
Fêz na primeira lista  
Se há qualquer entrevista  
Fala claro e em voz alta  
Pra encenar toda a malta  
José da Cruz é artista

QUE MATA O PAI E A MÃE;

MOTO

Preso que estás a morrer  
Não tens pena da morte  
É bom triste assim viver  
Para quem tem a tua sorte.

1<sup>a</sup>

Não-tes queram lamentar  
Tua sorte a onde vai  
Mataste a mãe e o pai  
Não-tes podem perdoar.

Não-tes val o teu chorar

Agora tens que sofrer

Mataste quem-te deu o ser

Dai não podes sair

Não-tes val o teu pedir

Preso que estás a morrer.

2<sup>a</sup>

Não-tes deu o coração

Não pensaste o que era

Foste igual a uma fera

Pior do que o leão.

Agora estás na prisão

Lamentando a tua sorte

Não vês o teu men o morte

E não vês nada a girar

Estás a morrer e acabar

Não tens pena da morte.

Na flor da tua idade  
 A veste aos nascido  
 Confessaste arrependido  
 Nessa prisão encerrado.  
 Tú viveste a crueldade  
 Num grande crime faser  
 Nunca vês o sol nascer  
 Tives nessa escuridão  
 Toda a vida na prisão  
 É bem triste assim vivero.

Andavas só na vaidade  
 Querias dinheiro para gastar  
 Não o tinham para-te dar  
 Ficaste logo enraivade.  
 Num momento acidentade  
 Abna raiva muito forte  
 Com uma faca de corte  
 É que tu, faste faser  
 Val mais a morte e morrer  
 Para quem tem a tua sorte.

E ANDA NA VADIAJE  
 MOTE

Se um filho bem conhecesse  
 As féses que uma mãe tem  
 Nunca debru-se a partava  
 Senão grande a morte vem.

É igual a um pagarinho  
 A mãe quer que um filho more  
 Deixa a mãe e vai-se embora  
 Sem mais tornar ao seu ninho.  
 E lá segue o seu caminho  
 Por onde alguém-tho indicasse  
 Nem que ele bem-se encontrasse  
 Nunca devia esquecer  
 A mãe que-lhe deu o ser  
 Se um filho bem conhecesse.

Acontesse muita vez  
 O filho desobediênte  
 Deixa os pais e anda ausente  
 Feito num grande maltiz.  
 Se veio a mãe alguma vez  
 É aqui ó mais além  
 Pra ela não olha bem  
 Até men-lhe quer falar  
 Porque não sabe avaliar  
 As féses que uma mãe tem.

95  
 Ó rico filho adorado  
 Eu digo-te agora aqui  
 Eu morro a cantar o fado  
 Cantando abraçado a ti.

95  
 Tu nasceim para cantar  
 Neste mundo de fadigas  
 Fasso versos e cantigas  
 Em quanto eu no mundo andar -  
 Eu queria-te encinar  
 A cantar este meu fado  
 E notar enprovisado  
 Como eu quadras fasso tantas  
 Porque é que tu não cantas  
 Ó rico filho adorado.

25  
 Tenho orgulho em ser cantor.  
 A minha sina é esta  
 Vou cantar a qualquer festa  
 Se todos-me dão valor.  
 Eu nunca tive instructor  
 Como há muitos por aí  
 Tanto além e tanto alé  
 Quem eu era sempre sou  
 Para saberes como eu estou  
 Eu digo-te agora aqui.

94  
 38  
 Pois quem tanto por nos paça  
 A nossa mãe coitadinha  
 Tantas vezes raladinha  
 Sem saber o que nos fazia.  
 Se o filho caísse na desgraça  
 Toda a vida o lamentava  
 Ela já sempre chorava  
 Se o filho em dia-a abandonasse  
 Mas-se ele não bem pensasse  
 Nunca dela-se apartava.

4.  
 E quando um dia-se casa  
 Ao partir ao abalar  
 Essa mãe fica a chorar  
 Já com o filho não mete vasa.  
 Alé fica ela em casa  
 Nossa mãezinha por em  
 Quem devemos querer bem  
 Quem devemos estimar  
 Nunca a mãe abandonar  
 Senão quando a morte vem.



Eu ando sempre a cantar  
 Assim em tom bem baixinho  
 Não-me esguese o meu gadinho  
 Até há noite ao deitar.  
 Fasso versos a sonhar  
 Ali muito bem ditado  
 Tejo a guitarra ao meu lado  
 Nas mãos de qualquer artista  
 E como eu sou fadista  
 Eu morre a cantar o fado.  
 E <sup>23</sup>  
 E quando eu estiver doente  
 Filho é desta maneira  
 Quero há minha Cabeceira  
 A tocar um instrumento.  
 A morte vem num momento  
 Meu corpo vai dar de si  
 Acaba entam aí  
 Minha dor minha agonia  
 Eu eide morrer um dia  
 Cantando abraçado a ti.

cantar bem não pode ser  
 que toda a gente-me escuta  
 Ficam noçem a d'iser  
 Canta bem filho da puta.

19

Há peis mundo alem  
 Jante que eu tenho cantado  
 Tenho curvado o lindo fado  
 Cantar mal é cantar bem.  
 Como eu averá' alguém  
 É impoável não avêr  
 Aeraditan podem erêr  
 Já' conhesso bem o fendo  
 Já' sei o que é o mundo  
 Cantar bem não pode sêr.

20

Eu eisto muito afinar  
 Amigos do Corzeão  
 Mas en-me afinando então  
 Já' canto sem despegar.  
 Mas não gosto de cantar  
 Com gente ás vezes malica  
 Não quer discussão nen luta  
 E canto com quem quizer  
 Eu canto bem mas não quer  
 Que toda a gente-me escuta.

Se apresse em qualquer lado  
 Não cantar que cante bem  
 Aparese logo a quem  
 A ouvir cantar a fado.  
 Fica logo rodeado  
 De gente a ouvir e a ver  
 Comessam logo a diser  
 Canta Nota bem não-se engana  
 Canta também o Szeana  
 Ficam no fim a diser.  
 4a

Quando-se ouve um lindo cantar  
 Moma vós bela e certa  
 Fica tudo com a boca aberta  
 Para o cantar a olhar.  
 Alí estar a reparar  
 Nos versos feitos há minúta  
 Alí toda a gente escita  
 O lindo cantar então  
 No fim a paga que-lhe dão  
 Canta bem fêlho da pita.

## E O POBRE A TRABALHAR

O rico só quer gosar  
 Comer e boa bebida  
 E o pobre a trabalhar  
 Pensa e: toda a vida.  
 1a

S. e rico tivesse um dia  
 Comidada saído querida  
 O rico comprava a vida.  
 Só o pobre é que moria.  
 Hé de nós o que seria  
 Eu não me quer lembra  
 Toda a vida a penar  
 Pra' sustentar a canalha  
 Só o pobre é que trabalha  
 O rico é só gosar.  
 2a

Vai ao rio de janeiro  
 Vai onde mais-lhe agrada  
 Anda de estrada em estrada  
 Correndo o país inteiro.  
 Vai também do estrangeiro  
 Num bom carro de corrida  
 Nunca tem nem uma lida  
 Ve as coisas como são  
 E quando é a rejeição  
 Comer e boa bebida.

3<sup>a</sup>

Vai ao bom restaurante  
 Come e bebe do melhor  
 Bebe do copo maior  
 Não devia beber tanto.  
 E ali naquele estante  
 Que-se está a regalar  
 Sen de nada-se importar  
 Não está nada magoado  
 Ali também estalado  
 E o pobre a trabalhar.

4<sup>a</sup>

Depois de tanto gozar  
 Ele tem que moer também  
 E esta a pena que ele tem  
 E não-se poder levar.  
 Tem a morte toca a andar  
 E lá vai ele a errada  
 Pois eu digo a desredada  
 O riso só tem bom tempo  
 O pobre trabalha sempre  
 Para ele toda a vida.

MOTO  
 Na tapada das estacas  
 Ouve uma grande união  
 O povo da falagueira  
 Em peso a dizer que não.

1<sup>a</sup>

Monte Claro queria vencer  
 Falagueira preparou-se  
 E a giesta acabou-se  
 Porque não podia ser  
 Estamos fartos de sofrer  
 Rodiados com as matas  
 É desde além das pizzas  
 Para nós não é orgulho  
 Louve um <sup>g.unk</sup> Sarraçalho  
 Na Tapada das estacas.

2<sup>a</sup>

Vejam-se, é, o não é duro  
 Isto que eu estou a dizer  
 Queriam água para beber  
 Mas não queriam lá o furo  
 Falando pelo seguro  
 Ver as coisas como são  
 Falagueira tem razão  
 Para muito se sentir  
 A gritar e a descutir  
 Ouve uma grande união

Vinham também preparados  
 Como nunca tu se viu  
 Pra meter medo ao mulherio  
 Desoito guardas armados  
 Mulheres e homens enraivados  
 Estudaram a maneira  
 Foi a aldeia quase inteira  
 Falar com o presidente  
 Continua a vencer sempre  
 O povo da Galgucira  
 4<sup>a</sup>  
 Eles estavam a pensar  
 Em nos vir secar as hortas  
 Mas eram ríjas as portas  
 Que não poderam cá entrar  
 Agora vão-se gavar  
 Que ganharam a ação  
 A nossa população  
 Estava também preparada  
 E o mulherio na tapada  
 Em peso a dizer que não.

O tempo vida-me dei  
 E com o tempo nascem  
 Com o tempo-me creci  
 Com o tempo clou o fim  
 No certo foi enjereido  
 Daquela mesma mãe querida  
 E é via que um dia  
 Dico há éez um filha querido  
 Pois antes de eu estar nascido  
 No ventre dela andei  
 Bastantias dores-lhe dei  
 Foi ela que-me dei o ser  
 E para melhor dêser  
 O tempo vida me dei  
 2<sup>a</sup>  
 Estava destinado o dia  
 Que eu avia de nasceer  
 Minha mãe antes de ter  
 Tinha dores e sofría  
 E então ela sentia  
 Quando ela andava assim  
 Que clausão de mim  
 Mechendo de vês enquanto  
 O tempo ia passando  
 E com o tempo nascem

Com sete anos de ~~vida~~ idade

Eu andava na escola

Até levava na mala

Quando eu não estava calado

E depois fui guardar gado

Num campo que eu bem sei

Só deus sabe o que eu parei

Calor frio e chovia

Quando era há noite eu dormia

Com o tempo-me erci

4<sup>o</sup>

Comessei a trabalhar

No trabalho da agricultura

Sem ter estudo nem cultura

Eu comessei a notar

E há vezes a cantar

Versos que não te-<sup>em</sup> em

Nemba vida e assim

Já pouco posso fazer

Numa hora sem saber

Com o tempo dou o fim

Feijões pretos em Lisboa

Feijões pretos em Lisboa

Feijões pretos em Lisboa

Feijões pretos em Lisboa

3<sup>o</sup>

É o mundo da montanha

E di na sa e Falagueira

Ferem bates na carreira

Montar a com salão

Foi em Lisboa então

Comde apressa a salaia

Derem uma refeição boa

Daquele que a gente tem

Almoçaram todos bem

Feijões pretos em Lisboa

2<sup>o</sup>

Sábado yim de semana

O nosso ranxo intoou

Muita gente-se enganou

Mesmo quem pouco-se engana

Numa casa Alentejana

Onde a vós também intoa

Mais do que uma peoa

Queriam comer <sup>bife</sup> ~~peixe frito~~

Comeram que é mais bonito

Feijões pretos em Lisboa

E foi muita gente então  
 Os ramos acompanyar  
 Mas teve ao almoço  
 Falta de suposição  
 Alguns comeram outros não  
 Não avia por nem broa  
 Nem fruta nem mel garboa  
 Estava tudo acabado  
 Não fez almoço afamado  
 Feições pretos em Lisboa

4<sup>a</sup>

O meu cobrado João  
 Foi o que pareceu mais fome  
 Diz que nunca mais lá come  
 Com aquela condieão  
 Comeo só caldo de feijão  
 Sabia-me a coisa boa  
 Sem ter melão nem meloa  
 E veio para cá dizer  
 Que não está para comer  
 Feições pretos em Lisboa

José da Cruz, lá está Lisboa  
 A vossa intonação  
 Estêve a coisa muito boa  
 Só o almoço é que não

Falagueira minha aldeia  
 A onde eu vou dar o gem  
 E benita não é feia  
 É tão linda para mim  
 Solamente és tu

De que meias és tua Linda  
 Para mim usas o igual  
 Não me queiras fêrta  
 Na meias tu p'riegas

3<sup>a</sup>

Toma rua do regato  
 Entrada para a escola  
 Onde a malta faz relato  
 E no fim levam na tola

4<sup>a</sup>

Ten um cabeso no meio  
 Dá águas para dois lados  
 Ten o lado do peccio  
 A fonte dos namorados

5<sup>a</sup>

Ten o largo da parreira  
 A onde é o arraial  
 O Monte da Falagueira  
 Como tu não há igual

A guerra em todo lado  
 Os governos não-se entendem  
 Eles não-se compreendem  
 Ainda tudo variado  
 Quando é que é acinado  
 Para tremenda guerra  
 O povo grita e berça  
 Por melhor tempo pagar  
 A paz é e ben estar  
 Quando é que reina na terra

42

Estás na boca do leão  
 É Portugal pequenino  
 Se não há um homem fino  
 Já não és Portugal não  
 Aja paz e unção

Com a guerra acabar  
 É no campo trabalhar  
 Que eu já tanto trabalhei  
 Quando é que vem essa lei

A paz de que ouço falar

Os astros giram doentes

Segundo o que eu estou a ver

A minha Terra pacientes

Destinados a morrer

Tudo-se eria a sofrer

A base de medicamentos

Segundo o que eu estou a ver

Os astros giram doentes

--- pacientes

No monte do Chão da Velha  
 Terra a onde eu nascim  
 Eu já lá não moro mais  
 Onde é o meu dar e o fim

33

A minha cidade inteira  
 Por este nome me acino  
 Sou João Marques Faustino  
 Residindo em Falaqueira  
 E assim desta maneira

Minha cidade lá vai ela

E já podem seguir ~~o~~ nela

Que tudo isto é verdade

Eu fui nascido e criado

No monte do Chão da Velha

22

E quando alguém-me avisa

No momento estou alegre

Meu destino é portalegre

Sou do conselho de Viseu

A terra que o meu pé pisa

A herança que é assim

Se preguntaran por mim

Minha terra não é feia

Chão da Velha minha aldeia

Terra a onde eu nascim

112  
Freguesia de São Matias  
Que liga ao rio Tejo  
Eu sou do alto Alentejo  
É de ser todos os dias  
Eu tinha tios e tias  
Uma ginda falô com ela  
Eu vou há procura dela  
Para-lhe contar de vida  
A minha terra bem erida  
Eu já lá não moro nela

Se ouver algum amigo  
Que-me queira visitar  
Quem-me quizer encontrar  
Pode vir falar comigo  
Está tudo esolarado  
Vejam bem que é assim  
É que mais gozen de mim  
É assim desta maneira  
Reside na Fátueira - Fátueira  
Onde crei eu dar o fêm -  
ó meu lindo Alentejo  
Digo bem não digo mal  
Ficas do sul do Tejo  
No paiz que é Portugal,  
Como tu não há igual  
Trás tudo no teu brejo  
Digo bem não digo mal  
ó meu lindo Alentejo

Se eu com Jesus falasse  
Duas coisas-lhe pediria  
Quere a Tristitia-me ligasse

113  
Nave no mundo a sofrer  
Como não há mãe's alguém  
Eu não-lhes sei dizer bem  
O que em mim estou a ver  
Se com dea podesse ser  
Eu com Jesus-me encontrasse  
E se ele-me arranjasse  
Ser feliz até á morte  
Pedia saúde e, sorte  
Se eu com Jesus falasse

2.  
Minha mãe que-me criou  
Na terra a onde eu nascim  
Fazia verços assim  
Quem eu era já não sou  
O tempo já-se paçou  
Já não fasso o que eu fasia  
Deus que tem tanta valia  
Ser alegre é que eu cobisse  
Se eu um dia o visse  
Duas coisas-lhe pediria



Eu vou à procura d'êlê  
 Pelo mundo além mar  
 E-se eu o encontrar  
 Eu eide falar com êlê  
 Podia aver um anêl  
 Se eua êlê-me chegasse  
 E-se eu o abraçasse  
 Que-me tirasse esta dor  
 Pedia ao o senhor  
 Que a tristêza me tirasse  
 4<sup>a</sup>

Por esses campos entã  
 Onde eu tanto trabalhei  
 Tanto que ece por lá passei  
 Para ganhar o meu pão  
 Tenho esta vocação  
 Para fazer poesia  
 Era mesmo isto que eu eria  
 Ser poeta em Portugal  
 Se deus-me tirasse a mal  
 Me desse só alegria

## MOTO

Se eu visse deus nosso senhor  
 Duas coisas-lhe pedia  
 Aboma era o teu amor  
 Coloca a tua companhia  
 1<sup>a</sup>  
 Eu não sei de que maneira  
 O nosso amor acabou  
 Quem eu era ainda sou  
 Vivo na mesma sequeira  
 Estão sombando a noite inteira  
 Que estas são meas despôr  
 Deus quer tem tanto valor  
 Me faça alegre e a vir  
 Eu bem-lhe éa pedir  
 Se eu visse deus nosso senhor  
 2<sup>a</sup>  
 Eu vivo de ti ausente  
 Sente ser facho men traídor  
 Quero-te amar minha flôr  
 Como era antigamente  
 Eu amo-te eternamente  
 Como era algum dia  
 Deus que tem tanta valiz  
 Se eu um dia o encontrasse  
 Se eu para ele falasse  
 Duas coisas-lhe pedia

Não-me queiras ver com ternura  
Tormemos o que era dantes  
Porque o dever dos amantes

116

Faz cobrar a maior fura  
Fala-te a verdade pura  
Que vivo com esta dor  
Deus é moço protetor  
Sabe aonde teo refugias  
Pedia-lhe ditas coisas  
Uma éz o teu amor

Deixa mo-que eu-te digo  
Amor do meu coração  
Não queiras dizer que não  
Voltamos ao antigo  
Se eu falasse contigo  
Eu tinha muita alegria  
Era mesmo isso que eu eria  
Duas coisas queria ter  
Uma era o teu bem erer  
Outra a tua companhia

Quando é que-me vou deitar  
Comesso a pensar em ti  
Falo contigo a sonhar  
Pensando que estás aqui  
Estás alen e estás alé  
Mas não-me queres falar  
Comesso a pensar em ti  
Quando é que-me vou deitar

117

QUADRA DEDICADA AO MOUÇO-E O-SEGUINHO

MOTO

É bem triste não ouvir  
Mas é mais triste não ver  
Tambem é triste sentir  
O mesmo corpo a doer

1<sup>a</sup>

Esta sempre bem cabado  
O homem que é mouçoquinho  
Não ouve cantar o gadinho  
Custa bastante a verdade  
Se estiver ali é lado

Muito fento a desceitir

Seja a chorar o a rir

Qualquer convença fazda

O mouço não ouve nada

É bem triste não ouvir

2<sup>a</sup>

Ser seguinho custa mais

Que nenseguer vê ninguém

Anda aqui e alem

Dado gemidos e aís

São estas as coisas tais

Quista bastante a valer

Ainda volto a diser

Que eu cinto neste instante

O ser mouço custa tanto

Mas é mais triste não ver

A pessoa que é doente  
 Nunca pode descansar  
 Tem o mal aquecer  
 Não desansa um momento  
 E padesse toda a gente  
 Todos queremos reseter  
 Esperando pelo que ade vir  
 Até a vida acabar  
 Mas as dores atear  
 Também é triste sentir  
 Temos as vezes um dia  
 Que nós estamos contentes  
 Mas-se nós estamos doentes  
 Já não temos alegria  
 Azeda a valência  
 Começamos a sofrer  
 Nada podemos fazer  
 E já não temos reseto  
 Vefar bem que é muito triste  
 O mosso ~~serp~~ a doer

Esta é que eu não sabia  
 Esta é que eu não sabia  
 Esta é que eu não sabia  
 Este é que eu não sabia

Disse a Maria Judita  
 Um caso que foi pizado  
 Que o zé tinha namorado  
 A moça chamada Rita  
 Ela não era esquecida  
 Muito gente o desca  
 Eu cá não a conhecia  
 E só para vir dizer  
 O que ela foi fazer  
 Esta é que eu não sabia

Zangada batia o pé  
 Porque queria namorar  
 O que queria era casar  
 Mas só gostava do zé  
 Ela andava na maré  
 Mas o zé não entendia  
 Nada disto persebica  
 Ela até o beijava  
 Mas o zé não aferrava  
 Esta é que eu não sabia

A Rita era já velha  
Mas era uma moça linda  
Mas queria ser mais ainda  
Sendo uma moça tão bela  
O zé andava com ela  
A toda a hora de dia  
Ela só tinha alegria  
Quando estava ao pé dele  
Só queria casar com ele  
Esta é que eu não sabia

U<sup>o</sup>  
Ele era um mago  
Do que é que estava à espera  
Não sabia o que isto era  
Mas ela o encinou  
Apenas que ele provou  
Já nunca mais se esquecia  
Andava nesta agonia  
Vegan bem como isto é  
A Rita casou o zé  
Esta é que eu não sabia

## COLEÇÃO "CARROS DE CORRIDA"

A fim de facilitar aos interessados a compra da coleção completa desta nova série AMBAR, indicam-se abaixo os 8 números editados pela respectiva ordem numérica:

### FORMULA 1

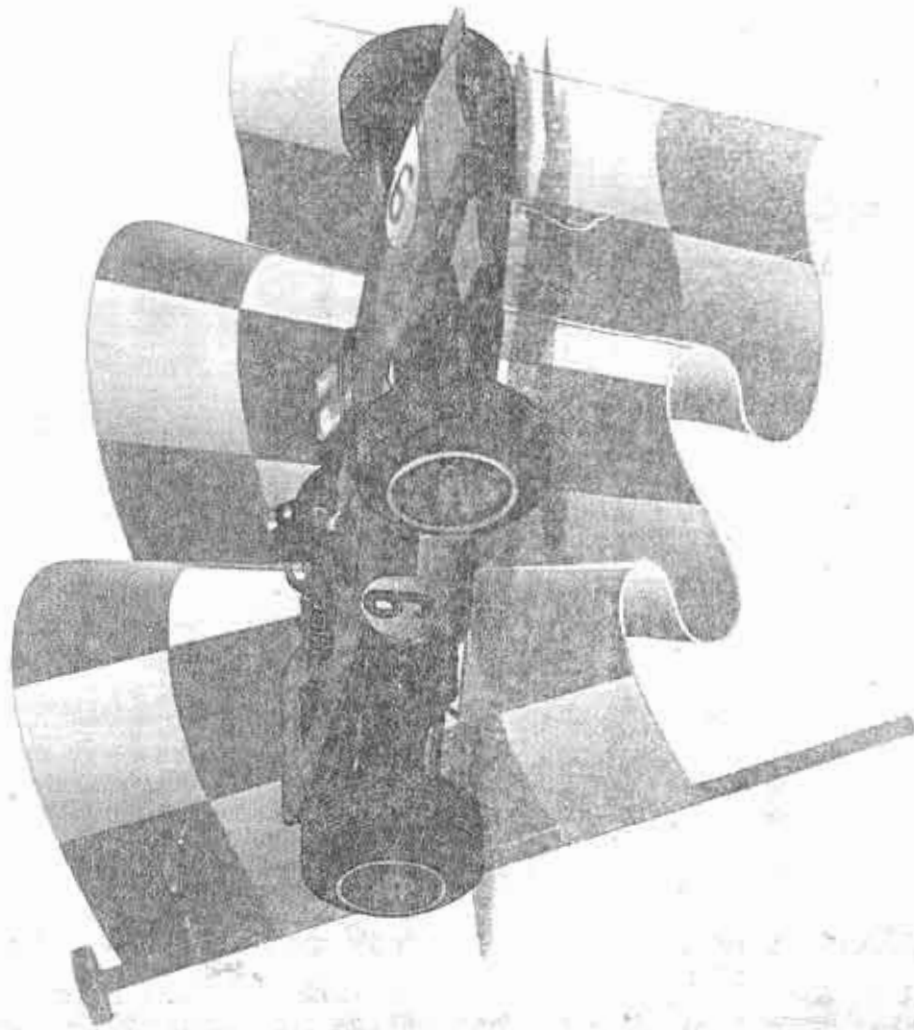
- ① — LOTUS
- ② — MAC LAREN
- ③ — FERRARI
- ④ — HONDA

### PROTÓTIPOS

- ⑤ — DINO FERRARI
- ⑥ — FORD GT 40
- ⑦ — CHAPARRAL 2/F
- ⑧ — PORSCHE 2000

### LOTUS

Protótipo inglês. Rodas motoras à rearguarda. Motor Ford. Especial disposição de escape. Caixa de 5 velocidades. Travões de disco às 4 rodas. Velocidade máxima: cerca de 290 km/h.



© AUTOMOTORES LARROSA

## CADERNO ESCOLAR

Nome JOSÉ AUGUSTO  
Classe PRIMÁRIO Nº FALCÃO